

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 201 ABRIL A JUNHO 2021

Correspondência:

A. Carvalheira - UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel. 253 951 257
mail: uniases@sapo.pt

Diretor e Redação:

Alberto Ribeiro de Melo
Administração e Montagem:
Francisco da Cunha Pinto
Revisão:
José Gomes Ferraz

Propriedade:

União AA do Espírito Santo
Distribuição:
ASES
Periodicidade: Trimestral
Reg. ICS N.º 112314

Tiragem:

1670 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

LUSOFONIAS - O fio triplô não rompe...

'Triplex funiculus difficile rumpitur'. Começar com uma tirada em latim dá nível a qualquer crónica! Mas a ideia não é mostrar sabedoria clássica, mas a força deste provérbio que garante a dificuldade de romper um fio com três linhas. É o lema dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo, organizados na Associação ASES. Traduzido em máxima lusa, fiquemo-nos por um 'a união faz a força'. Tudo isto a propósito de três intervenções recentes de Conferências Episcopais. Refiro-me a Angola, ao Brasil e a Moçambique. Ora, os tempos que vivemos à escala do planeta são duros e complexos, a abarrotar de problemas cujas soluções são quase inexistentes. Mas a história da Igreja ensina, após dois mil anos, que uma pessoa só, é alvo fácil de atingir. E mais: quando é preciso gritar para denunciar injustiças, os que as praticam são capazes de tudo para silenciar a voz dos profetas. E quando digo 'tudo', refiro-me a 'tudo' mesmo, incluindo, caluniar e matar.

Desde há umas décadas que as Dioceses se reagrupam em Conferências Episcopais para trabalharem mais unidas, gritarem mais alto e serem uma força mais difícil de neutralizar. Se esta comunhão é um valor acrescentado a todos os níveis e em todos os lugares, ganha um relevo especial em contextos onde a liberdade ainda é apenas ou quase palavra de dicionário. Aí, alguém que se lembre de falar sozinho corre o mesmo risco de um



pobre antílope que se isola da manada quando o leão ataca!

Deixemo-nos de teorias e vamos à prática. ANGOLA vive tempos complexos por um acumular de razões que não vou aqui dissecar. A verdade é que o povo passa mal, falta pão, saúde, casa, trabalho e começam a levantar-se ondas de protestos que não sabemos onde vão parar. A Igreja católica, a maior força da sociedade civil, habituou-se a intervir com lucidez e coragem através da Conferência Episcopal. Fê-lo nos tempos duros da guerra civil e dos partidos únicos, continua a fazê-lo nestes tempos que pretendem ser novos. A sua última Mensagem põe dedos em muitas feridas, pede mais competência aos governantes, mais compromisso aos cidadãos, dias melhores para todos. No fim, a palavra é sempre de esperança: 'somos capazes unidos de construir pontes, dialogando e erguendo Angola como casa da fraternidade'.

(Continua na pág. seguinte) >

BODAS DE OURO - OUTUBRO DE 2021

Comemoração das Bodas de Ouro 1971 – 2021

Sábado 2 - GODIM

Sábado 16 - VIANA DO CASTELO

Nota: A organizar dependendo da situação sanitária

MAGNA - FRAIÃO

(Página 2)

Mensagem do Presidente da Assembleia Geral

TESOURARIA

Pagamento de Quotas e outros actos de Tesouraria
Efectuar transferência para:

PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

Não esquecer de indicar no descritivo:
Nome completo ou n.º de AS

MOÇAMBIQUE – todos acompanhámos – vive tempos de tragédia, sobretudo no Norte, na província de Cabo Delgado. D. Luiz Lisboa, Bispo que foi transferido para o Brasil, foi uma voz corajosa e incómoda a quem tentaram silenciar e arrumar (conseguiram-no, em parte!). Após a sua partida e o recrudescer dos ataques no Norte, a Conferência Episcopal de Moçambique saiu à praça para gritar em nome do povo um 'basta!' à dramática situação que muitos vivem. Falam de mais de 2 mil mortos e 700 mil deslocados, raptos, destruições e toda a espécie de violação dos direitos humanos. Depois de vermos tanta gente a atacar D. Luiz, achamos estranho que agora haja unanimidade em relação a esta Mensagem dos Bispos, que decidiram falar a uma só voz. Até o Presidente da República os recebeu para partilharem notícias, ideias e sugestões.

O BRASIL também está nas bocas do mundo por más razões. É um dos países com pior resposta à pandemia da covid-19, misturando negacionismos com o absoluto desprezo pelas mais elementares regras sanitárias de combate a pandemias como esta que a todos vitima. Alguns Bispos foram manifestando a sua posição crítica à governação e logo surgiram os ataques ferozes de quem acha que os governantes da nossa linha ideológica são sempre intocáveis nas suas decisões e práticas. Mas, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunida na sua 58ª Assembleia Geral, tornou pública uma Mensagem para apoiar as inúmeras vítimas da pandemia, pe-

dindo, 'sensatez e responsabilidade', exigindo que todos os cidadãos observem as medidas sanitárias e sejam caridosos no apoio aos mais frágeis. Sobre esta tomada de posição pública, os Bispos dizem: 'Não podemos nos calar quando a vida é ameaçada, os direitos desrespeitados, a justiça corrompida e a violência instaurada'. Completam assim a intervenção: 'Na sociedade civil, os três poderes da República têm, cada um na sua especificidade, a missão de conduzir o Brasil nos ditames da Constituição Federal, que preconiza a saúde como "direito de todos e dever do Estado". Isso exige competência e lucidez. São inaceitáveis discursos e atitudes que negam a realidade da pandemia, desprezam as medidas sanitárias e ameaçam o Estado Democrático de Direito. É necessária atenção à ciência, incentivar o uso de máscara, o distanciamento social e garantir a vacinação para todos, o mais breve possível. O auxílio emergencial, digno e pelo tempo que for necessário, é imprescindível para salvar vidas e dinamizar a economia, com especial atenção aos pobres e desempregados'. Juntos, os Bispos fizeram denúncias corajosas e propostas construtivas.

Nunca foi tão decisivo 'cantar em coro'. Vozes afinadas constroem melodias de encher o coração! Para o mundo ser melhor, são precisas as mãos e os corações de todas as pessoas de boa vontade...

Pe. Tony Neves, em Roma
07.05.2021

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA MESA DA AG A COVID-19 E A NOSSA UNIÃO

Timóteo Moreira - Presidente
da Mesa da Assembleia Geral

A Covid-19 ainda não nos deixou livres. Estamos agora mais confiantes, do que em 2020, de que o vamos controlar, mas ainda temos de ter muitas cautelas.

Em 2020 não pudemos realizar a nossa Assembleia Magna marcada para 07-06-2020. E este ano também não nos foi possível realizar a Magna em 30 de maio. Respeitando a Covid e as normas da DGS, os ASES também não têm podido ter os seus encontros habituais durante o ano.

Mas temos tido o nosso Boletim trimestral que a direcção tem preparado, mesmo com muito mais esforço. Aqui quero deixar um louvor e um agradecimento especial ao nosso presidente Alberto Melo que tem feito tanto trabalho apesar das suas muitas dificuldades. Todos reconhecemos, louvamos e agradecemos tanto esforço!

O Cunha Pinto vai apresentar no Boletim as contas que, verão, estão de boa saúde. Deixo um agradecimento especial a todos os ASES que, mesmo em pandemia, não se esquecem dos seus compromissos com a União.

A Direcção merece um agradecimento especial pela elaboração do Boletim, mas também por ter aceitado continuar em funções até novas eleições, o que é extensivo a todos os Corpos Gerentes.

Os actuais corpos gerentes estão dispostos a continuar até nos podermos reunir e fazer eleições em segurança.

Esperemos que o possamos fazer depois de Setembro de 2021 ou na habitual Magna em 2022. Mas convém que nesse encontro nos possamos encontrar já em almoço e abraços de confraternização.

Gostaríamos de saber a opinião dos ASES sobre a melhor data para esse encontro e para eleições. Mas talvez seja melhor esperar pela Magna de 2022 para termos dias maiores e de mais sol para podermos confraternizar melhor.



DE MANAUS... TEMPOS DE PANDEMIA

Pe. José Reis Gaspar G57
Missionário na Amazônia



De minha parte, aqui em Manaus, no meio desta pandemia que resiste em abrandar, posso dizer que estou muito bem, mas também bem confinado. Não é para menos. Em Manaus, em maio, o sistema de saúde e até o funerário colapsaram e foi o pavor geral, com o desnorte ou o descaso das autoridades de governo municí-

pal, estadual e federal. Nessa altura, entre as inúmeras vítimas mortais, tivemos a de um jovem padre, 41 anos, meu vizinho de paróquia. Outros têm adoecido, mas conseguindo recuperar. Em setembro de 2020, no dia em que o Brasil ultrapassou a marca dos 140.000 mortos, tivemos outro caso fatal entre o nosso clero, devido a um aumento acentuado das contaminações na cidade.

O negacionismo por parte das cúpulas do governo continua, a par da corrupção, da criminalidade generalizada e da desinformação por razões eleitorais, e o *povão* parece anestesiado e pronto para dar o seu voto aos que mais o manipulam, já nas próximas eleições para os municípios.

Grande pandemia esta também, a da corrupção! E assim vamos, vou, em-

purrando com a barriga, como se diz por aqui, mas agarrado à esperança de um salto em frente, qualitativo, como faísca de pedreira nas mãos de quem não desiste de esfregar pedra com pedra. E do fogo se fará luz e braseiro de lareira, não mais de floresta incendiada.

Utopia!?... Acredito na sua força e por isso aqui estou, tanto mais firme quanto sou pregoeiro do Ressuscitado.



PE. ALVES CORREIA

Pe. Veríssimo Teles G53, CSSp

Cristo mandou-nos “lembrar”. “Fazei isto em memória de mim.” Ele tornou possível que em todo o momento seja verdadeiramente real a possibilidade de tornar actual a sua vida.

Há muitos dos seguidores de Cristo que se pareceram bem com Ele. E, de alguma maneira, também a sua vida se actualiza na história e continua a ser para os homens de hoje fonte de inspiração. Os grandes homens da história, os grandes santos continuam a ser marcos marcando a vida de gerações. Esta afirmação quer ser feita hoje a respeito do Padre Joaquim Alves Correia.

VIVER AQUÉM E ALÉM

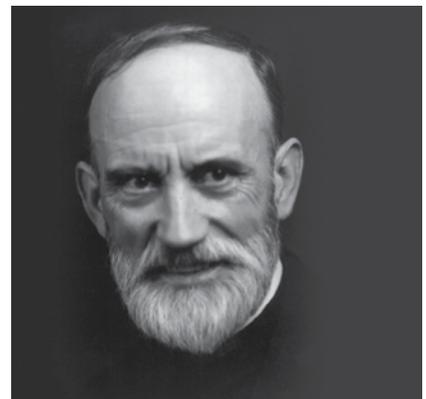
Em 1951, a um de Junho, morria, exilado do seu País, o Padre Joaquim Alves Correia. Morria concordando em morrer. “Estou de absoluto acordo com a disposição do Pai Celeste e pronto a marchar”. (carta de 27-03-51). O Doente “entregou-se à vontade de Deus, edificando a comunidade com a sua piedade”. (Arch. Pittsburg, 187; 12-04-51).

O P. Francisco Lopes, biógrafo do Padre Alves Correia, escreve ao referir-se

à sua morte: “Extingue-se o homem, mas não o eco evangélico das palavras com que vergastava os que desafiavam a justiça da humanidade, sorvendo o sangue dos irmãos para matar a sede infrene que lhes devorava as entranhas desumanas”.

O doutor Braga da Cruz, no prefácio do livro “O Pe. Joaquim Alves Correia” (editado por Editora Rei dos Livros) escreve: “O Pe. Joaquim Alves Correia foi uma figura paradigmática do seu tempo e precursora do nosso, porque viveu na fronteira dos dois, fiel à tradição, aberto ao futuro. Como sacerdote católico e missionário, foi homem de Deus e um homem do povo. Pertence por isso ao património eclesial português como também ao património democrático nacional. Nessa dupla qualidade ... deve ser lembrado e louvado”.

Estamos de acordo. A morte dos grandes homens e dos santos não os extingue, credita-os como pais de gerações, como luz que abre caminhos novos, como força que garante ultrapassar as dificuldades, como modelos na descoberta da verdade, na conquista da jus-



tiça, no construir da paz e no viver do amor.

ERA UM PADRE INCÓMODO

Foram poucos os que conheceram no momento próprio o Pe. Joaquim Alves Correia. Recordo aquela imagem. Não é por trás de uma grande árvore que se vê a floresta”. O Pe. Alves Correia era grande demais. Porque era grande demais incomodava. Quem se não dá com a verdade e com a justiça, quem não defende a dignidade do Homem e os seus direitos cega-se, embrulha-se e enlameia-se na sua tacanhez e no es-

bracejar medroso, fere-se a si próprio e procura que os demais não vivam.

Cristo teve que morrer. O Pe. Alves Correia teve que ser exilado. Amar a verdade e a justiça significa muitas vezes abanar tronos (de dinheiro, de ideologias políticas, de estruturas de poder e de estilos de vida) erguidos em pedestal de barro (leia-se mentira). Por exemplo. Ensinar português aos de “Leste” não interessa para muitos da praça social porque deixam de ser “humildes, submissos, escravos” e aprendem a reivindicar em português o que lhes pertence – a sua dignidade. Há quem não tenha interesse que os imigrantes se legalizem. Como é que depois se lhes pode ficar com o dinheiro que dizem ser para a “segurança social” e pagar-lhes salários mais baixos sem as horas “extra” que fizeram? Se os imigrantes ficam com os direitos de “gente” é mais difícil explorá-los.

Alves Correia era demasiado “grande” para que no seu tempo os políticos o pudessem ver! E muitos dos que viram

a sua “grandeza” tinham demasiado apego às coisas (leia-se cargos, posição social, mando político), à ordem estabelecida e medo dos que mandavam para sentirem coragem de o defender. Teve que ser exilado.

A VERDADE E A JUSTIÇA

“Se o grão de trigo não morrer fica só”. Esta frase foi dita pelo Outro que também matámos. Muitos acreditamos na ressurreição. Feliz o homem que consegue acreditar. Porquê? Porque dá a certeza de que todas as sementes de bem vão germinar em nós e no Mundo. A verdade, a justiça e o amor têm força que nada corrói. Se hoje as não vemos, elas virão e viverão em plenitude. Eu creio. Vê se também consegues acreditar. Trabalhemos e esperemos.

Hoje o Padre Alves Correia teria a vida facilitada. Podia ter dito todas as verdades que disse sem ser molestado e não teria sido exilado. Bem, talvez, por decisão própria, fosse lá dizer que “eles” não são os patrões do Mundo e os ou-

tros países o seu “caixote do lixo”. Talvez tivesse decidido ir a Estrasburgo ou Bruxelas gritar que a Europa não pode ser uma “fortaleza” sem portas de entrada; ou talvez tivesse ido a Angola pregar que a guerra não acaba com a guerra. E na sua comunidade espirítana podia ir à cozinha tranquilamente fazer as sandes para os pobres que tocam à porta.

Quase setenta anos depois somos capazes de sentir a presença do Pe. Joaquim Alves Correia. Ele é “um dos pais fundadores da democracia portuguesa” (Manuel Braga da Cruz); ele é “combatente intrépido pela justiça total... crente inabalável na força do Espírito Santo” (Anselmo Borges). Também hoje os Missionários do Espírito Santo, a cuja família pertence, o têm como fonte inspiradora dos seus gestos de solidariedade e modelo de luta pela justiça e pela paz. O CEPAC – Centro Padre Alves Correia, que acolhe milhares de imigrantes/ano, é um desses pequenos gestos. O Pe. Joaquim Alves Correia é um homem de hoje que morreu há 70 anos.

A VOZ PAROQUIAL

UM JORNAL ESPIRITANO DO SÉCULO PASSADO EM CABO VERDE

Armando Ferreira V56



A VOZ PAROQUIAL foi um jornal lançado pela Paróquia de Nossa Senhora da Graça, Praia, Cabo Verde, no início de

1967 pelo pároco de então, Padre António Figueira Pinto.

Os objetivos desta publicação, deliberadamente modesta no tamanho (4 páginas 22,5 X 34 cm) nos seus primeiros 6 números, são definidos na edição inaugural (nº 1) pelo seu Diretor, o próprio Padre Figueira, em três pontos:

- 1 - Constituir um “elo de ligação entre toda a família paroquial da Praia”;
- 2.- Ser um “repertório das atividades da Paróquia”;
- 3 - Transmitir as “orientações dos Pastores, as notícias mais dignas de menção, como sejam as festas, as solenidades litúrgicas, as estatísticas do ano religioso, as campanhas ou anseios...”

Por sua vez, o Bispo D. José Colaço, em mensagem a abrir a publicação, coloca o acento tónico da linha editorial na di-

vulgação do aggiornamento operado pelo Concílio Vaticano II, concluído havia 2 anos, no pontificado de Paulo VI, em especial na “larga abertura da Igreja ao mundo e aos seus problemas”, e propugna um “diálogo franco e sincero”... com todos, “independentemente das suas opiniões, mesmo religiosas”... “não só de ordem verbal, mas ainda, e sobretudo, de ordem vivencial”.

Na verdade, folheando os 12 números publicados durante 5 anos, de 1967 a 1971, encontramos sempre nas suas páginas esta dupla preocupação, por um lado de servir de instrumento de comunicação entre os seus leitores, de início paroquianos da Praia, mais tarde estendendo-se a toda a ilha de Santiago e numa terceira fase demonstrando preocupações ainda mais alargadas, dirigidas a todo o arquipélago, à Diáspora e mesmo afirmando uma faceta mais universalista, e, por outro, de transmitir aos seus leitores a mensagem cristã, designadamente o seu refrescamento operado pelos padres conciliares no Vaticano II.

Nesta pequena resenha, em que o ob-

jetivo é dar conhecimento sumário aos leitores do UNIASES do que foi aquele órgão de comunicação, efémero mas incisivo, em Cabo Verde naqueles anos da pré-independência em que a equipa de missionários do Espírito Santo atingiu provavelmente o clímax de intensidade e qualidade da sua atuação nesta então Província Ultramarina que em breve assumiria a sua independência, limito-me a apontar, em estilo quase telegráfico, alguns dos temas mais relevantes veiculados por este jornal (notícias, campanhas, ações, inovações, planos...) ao longo da sua breve eclosão.

Vida da Paróquia de Nossa Senhora da Graça e de outras paróquias das ilhas de Santiago e Maio

Um dos objetivos fundadores deste jornal, como acima ficou referido, era o de dar a saber à comunidade o que de relevante se ia passando, desde batizados a casamentos, primeira-comunhão, crisma, óbitos, celebrações religiosas, inicialmente só relativamente à Praia, e mais tarde estendendo-se às outras paróquias da ilha de Santiago (S. Domingos, Santa Catarina, Órgãos, Picos,

Tarrafal, Santiago Maior, Calheta de S. Miguel, S. João Batista...) e finalmente ao Maio. As crónicas eram feitas tanto pelos respetivos párcos, como o Pe. Arlindo Amaro, o Padre Sá Cachada, o Padre Cruz ou o Padre Gil Losa, como por correspondentes leigos, caso do professor Velhinho Rodrigues na Calheta de S. Miguel ou o estudante Lorena Santos na Praia.

Centro Social Paroquial da Praia

Ao longo dos anos do jornal foi lançado o Centro Social Paroquial da Praia, provavelmente a maior obra de construção e planeamento social levada a cabo em Cabo Verde pela Igreja em todo o período de presença espirítana (desde 1941). Uma realização monumental pensada, planeada, financiada (custou alguns milhares de contos, recolhidos em Cabo Verde e na sua Diáspora, mas para a qual contribuiu decisivamente o Governo da Metrópole, então encabeçado por Marcelo Caetano, além de outros beneméritos de várias latitudes) e concluída sob os auspícios do Pe. Figueira e do Pe. José Maria, um marco social e formativo na cidade da Praia erigido diante do Liceu Adriano Moreira, e que hoje continua a marcar a presença social e académica da paróquia na cidade.

Reforma Litúrgica e da Catequese

Viviam-se tempos de intensa renovação, quer na Igreja quer a nível social e económico, e cada número da Voz Paroquial refletia esse clima. O Pe. José Maria recebeu do Bispo D. Colaço a missão de reformar o ensino da catequese não só em Santiago como no arquipélago, e deitou mãos à obra, desde logo criando um curso para transmitir as novas diretivas aos catequistas, que receberam formação intensiva nos novos moldes reformulados pelo Concílio. Vieram da Metrópole irmãs de várias Congregações com formação específica, e percorreram a ilha e o arquipélago desdobrando-se em cursos de renovação catequética. Eu próprio participei, com a Irmã Maria do Carmo (espiritana) em muitas dessas aulas, normalmente dadas nas diversas paróquias à noite e ao fim de semana, uma vez que, quer nós, quer os catequistas tínhamos os nossos empregos regulares.

A Voz Paroquial veiculou vários artigos de formação da nova catequese, quer do Pe. José Maria, quer do Pe. Veríssimo Teles, quer da Irmã Maria do Carmo. O mesmo aconteceu com a reforma litúrgica (Missa, Batismo, Matrimónio...)

sobre a qual foram escritos vários artigos, mormente pelo Pe. Teles, o Pe. Arlindo Amaro, o Pe. Afonso Cunha, o Pe. Gil Losa, eu próprio. Aliás, o motivo pelo qual fui convidado pelo Pe. José Maria, na altura (1969) superior da Congregação em Cabo Verde, foi principalmente o de renovar o canto litúrgico nas paróquias a cargo da CSSP em Cabo Verde. Em complemento, mandou vir do Japão um excelente órgão Yamaha de 2 teclados e pedaleira que quer eu, quer o Pe. Afonso Cunha, quer o Luís Cabral nos regalávamos a tocar, tal era o apoio que nos dava na dinamização do canto, a par do grupo de violas que o Luís formou e ensaiou, numa igreja repleta, toda a gente a cantar, um coro renovado e aprumado... Aos domingos, a assembleia chegava a estender-se à Praça Alexandre de Albuquerque, tal era a afluência e a vitalidade que a Eucaristia gerava.

Reforma da organização pastoral
Outra vertente crucial que por essa altura preocupava os párcos e a própria diocese era a organização dos respetivos serviços. Um assunto desenvolvido em artigo do Pe. José Maria, em que transcreve o organograma a ser adotado pelas paróquias, em que se destrinça a organização pastoral da social (assistência, cultura...), se instituem corpos de conselheiros (pastoral, paroquial) e se dá atenção à instalação de serviços técnicos. É nesta linha que foi lançado, construído e operacionalizado o Centro Paroquial Social da Praia, assim como, em simultâneo, o Centro da Calheta de S. Miguel.

Estatísticas

Desde que o jornal ganhou amplidão e mais colaboradores, a partir de 1969, cada número foi explanando o estado em que se encontrava em Cabo Verde um setor de interesse público relevante (Educação, Saúde, Emigração...), como forma de acompanhar a evolução da sociedade na Província, na linha das recomendações mais genuínas e inovadoras do Concílio Vaticano II. Uma abordagem que não terá sido do agrado de certos responsáveis, políticos, mas mesmo religiosos, como viemos a perceber mais tarde, quando o jornal foi censurado pelas autoridades...

Rampa de Lançamento

"A Voz Paroquial" investiu fortemente na juventude, à semelhança do que a própria Igreja já fazia. Os movimentos

da cristandade jovem (JAC, JEC) eram muito dinâmicos e tinham forte adesão não só na Praia como em toda a ilha. A prová-lo esteve o grande Encontro da Juventude que teve lugar na Praia de 24 a 28 de abril de 1968, que contou com cerca de 4.000 jovens, todos vindos desses e de outros movimentos católicos de todas as paróquias da ilha, como as Conferências de S. Vicente de Paula e a Legião de Maria, um evento que ainda hoje é recordado com emoção por quem nele participou, feito coincidir pelos organizadores com a visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima em peregrinação pelo arquipélago...

Não admira, pois, que essa vitalidade tenha saltado para as páginas do jornal, que foi recebendo cada vez mais colaborações de jovens, em especial estudantes, até lançar, a partir do seu número 8, a secção "Rampa de Lançamento", uma janela aberta aos jovens, que não se fizeram rogados e para ela trouxeram poemas, crónicas, contos, consultas e até um romance...

Uma das iniciativas anuais, organizada pelo Pe. Teles e a Irmã Olímpia, foram os "Campos de Férias", sempre muito participados, porque a juventude estava sedenta de ouvir sobre temas menos debatidos, não só religiosos como de teor psicossociológico e de costumes.

Ecumenismo

Uma das vertentes que emanavam também do Concílio Vaticano II era a atmosfera ecuménica que se criou. Em Cabo Verde esse vento já soprava, como se viu na mensagem fundadora do jornal pelo Bispo D. Colaço, mas havia que passar da teoria à prática, e foi o que fizemos no número 12 do jornal: convidámos as 3 Igrejas cristãs mais representativas em Cabo Verde para se apresentarem lado a lado. Todos aderiram, e escreveu-se (estávamos em março de 1971) uma página memorável no respirar do ecumenismo em Cabo Verde.

Dignidade Humana

Uma das linhas editoriais deste jornal foi a da afirmação da dignidade humana, a começar por um brilhante artigo do Padre Viriato Gonçalves, um dos primeiros da nova geração de cabo-verdianos, que nele tira ilações certas da constituição pastoral do Concílio Vaticano II "Gaudium et Spes". Nesta vertente foram sendo publicados os principais documentos estruturantes da Dignidade Humana, como a Declaração Universal

dos Direitos do Homem ou a Declaração dos Direitos da Criança, como forma de inculcar nos leitores uma atitude mais ativa de liberdade responsável, que nos parecia fazer falta no seio da sociedade cabo-verdiana de então.

Cursilhos de Cristandade

Os cursilhos de Cristandade chegaram a Cabo Verde em 1970. Foram organizados 3 nesse ano, 2 para homens e um para senhoras. Mais uma manifestação de vitalidade na Igreja em Santiago nessa época. Boa parte dos quadros da Administração Pública e da sociedade civil da altura passaram nesses cursilhos e puderam reavivar o estado de batizados. O fim imposto ao jornal e a preservação da respetiva memória.

O último número (nº 12, de 7 de fevereiro de 1971) não pôde ser distribuído, por censura da PIDE. Da parte da Diocese não houve, infelizmente, uma reação apropriada às circunstâncias, em defesa da linha editorial por nós adotada, de resto com o beneplácito do Diretor, Padre António Figueira.

Nem o respetivo arquivo terá sido preservado, quer na paróquia quer na diocese. Por sorte, trouxe uma pasta com um exemplar de cada número, e esta pasta resistiu às intempéries das múltiplas mudanças que entretanto fiz, de Cabo Verde para Lisboa, de Lisboa para Bruxelas, quatro mudanças de residência em Bruxelas, de Bruxelas para a Póvoa de Santo Adrião e da Póvoa para Lisboa...

Quando há meses, no âmbito de um post que publiquei no meu blogue "Contos di Praça", perguntei ao Padre Ima, bibliotecário da Diocese da Praia e ex-pároco de Nossa Senhora da Graça, se se tinha cruzado com o arquivo do jornal e ele me respondeu que não e que apenas tinha tomado conhecimento da existência dele por uma paroquiana (Teresa Lima) não estava nada certo de ter preservado todos os números por todo este tempo, como felizmente descobri numa volta à cave...

Apressei-me a digitalizá-los, dada a fragilidade e "amarelidão" que atingiram ao longo de todas estas transumâncias...

A quem esteja interessado em guardá-los, de bom grado enviarei via e-mail.

UM CONSELHO EM TRÊS AVISOS

José Machado G64



Numa das minhas crónicas passadas, prometi contar uma história que aprendi no Lar de Santa Cruz. Quem contou

foi D. Dores Castro Afonso, uma mulher com muita graça e vitalidade, embora sofredora com uma doença recente que muito a apouquentou e a levou a tomar a decisão de estar no Lar. Ela nasceu em Monção, conheceu Braga aos 6 anos, ainda se lembra da existência do eléctrico como transporte urbano. Pois contou-me ela que numa terra não muito distante de Braga, em tempos ainda não muito afastados de nós, mas numa altura em que as pessoas viviam com mais dificuldades e não tinham os confortos de morada e de higiene e de alimentação que hoje existem, um homem casou, mas nem chegou a viver muito tempo com a sua mulher, viveu apenas o tempo de saber que ela já criava em si um filho. Ora bem, desde ainda novo e solteiro, este homem tinha a ideia de que no Brasil se ganhava mais e se vivia melhor. Arranjou as coisas e foi para o Brasil, apoiado por amigos e familiares que para lá já tinham ido e que lhe mandavam boas notícias. Se lá se arranjou melhor, diz a história que sim, mas sem pormenores de fortuna

e de grandes mudanças de vida. Uma coisa não mudou, a ideia de regressar a casa logo que pudesse e tornar a ver a sua esposa. Considerou o tempo de regresso logo que calculou que o dinheiro lhe daria para fazer casa nova em Portugal. Durante a ausência escreveu espaçadamente à mulher que não sabia ler, mas pedia aos vizinhos que lhe lessem as cartas, cartas sempre repetitivas da ideia de regressar, dos trabalhos difíceis mas razoáveis, dos ganhos possíveis e dos gastos calculados; de amores outros nem uma palavra. As cartas foram rareando e acabaram ao fim de quase dez anos. Ora um dia, contra o conselho de amigos, o homem decidiu regressar, desconfiado até de que sua mulher ainda o esperasse ou sequer o reconhecesse. Estava um homem diferente. Um seu amigo recomendou-lhe prudência, sabido que era das ideias fixas do homem: gastar o dinheiro em casa nova caso a mulher o reconhecesse e tivesse mesmo esperado por ele, de outro modo, teria dinheiro para vícios de estimação. Na despedida, o amigo deu-lhe um conselho em três avisos: nunca pernoites onde houver mulheres loiras (que eram a sua perdição), nunca troques caminhos por atalhos (que era o seu feitio de homem apressado), e nunca faça nada sem pensar três vezes (ilusão de remediar alguém que se mantém sempre apressado nos casos já meio perdidos). Mas o certo é que o homem tomou o conselho a sério.

Regressou e no caminho para a terra não lhe faltaram as tentações. Logo no desembarque as mulheres loiras lhe pareceram muitas e fáceis, mas o homem resistiu-lhes todo o tempo que esteve na grande cidade. Na altura já os transportes estavam diferentes e havia modo de ganhar terreno se quisesse chegar depressa à terra, mas ele tomou as facilidades por atalhos e submeteu-se ao mesmo e longo caminho que fizera na partida. Chegado ao lugar onde nascera, aquela casa de sessenta luzes em telha vã continuava no mesmo sítio, agora com mais remendos nas paredes, mas por fora muito parecida com a que deixara. Casa de sessenta luzes por cujo telhado viu sempre as estrelas e sonhou com outra sorte. Aproximou-se e espreitou, a confirmar rumores que ouvira. O que viu levou-lhe uma mão ao bolso e outra à mala dos haveres. Não podia ser: lá estava a mulher no lar acompanhada por um homem. Ai a filha da mãe, eu mato-a. O sangue ferveu-lhe nas veias e a precipitação subiu-lhe aos olhos. Recuou quando já estava quase a chegar com o pé à porta para a escancarar: pensa três vezes, homem de Deus! Empurrou a porta, a mulher olhou, levantou-se de um salto e de mãos na cabeça. O homem ao seu lado voltou-se devagar, era padre... Ó meu filho, aí tens o teu pai que nunca conhecestes, bem podes celebrar missa nova de milagre. Abraçaram-se todos os três e a história acaba aqui.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...RESPOSTAS BREVES

F. Cunha Pinto

Estais habituados ao “tratamento” do nosso Presidente Alberto Melo: estou muito longe de igualar a sua veia literária. Infelizmente, o seu estado de saúde não lhe permitiu dar o seu sempre apreciável e insubstituível contributo. Ficamos todos a torcer para que o Senhor o ajude a ultrapassar da melhor forma este momento tão delicado. O nosso UNIASES precisa do seu empenho e sabedoria para continuar a brilhar aos olhos de todos os ASES.

Pe. Pedro Fernandes Sup.Provincial
[Agradecendo os donativos enviados para BOLSAS, para o CEPAC e para Abraçar São Tomé](#)

Caríssimo amigo Francisco Pinto:

Recebi a sua comunicação, muito obrigado. Manifesto a minha gratidão a si e a todos estes benfeitores, que continuam solidários e unidos à missão espiritana. Isso é encorajador. Por favor, transmita-lhes a minha palavra de agradecimento e amizade!

Grande abraço amigo.

[Os ASES só têm que retribuir por aquilo que receberam da Congregação: e cá estamos nós para ir “pagando” às prestações...](#)

Recebi o Uniases 200, cujo texto acabo de percorrer com gosto e gratidão. É sempre reconfortante e encorajador ler a reflexão e os elos de ligação de tantos antigos alunos, mas contemporâneos amigos e irmãos, nesta família alargada que somos nós, família espiritana.

Agradeço, pois, mais uma vez, esta oportunidade e privilégio de vos ler e acompanhar. Espero que em breve desconfinemos de vez e nos possamos reencontrar! Até lá, ficamos em comunhão orante e fraterna. Ao amigo Alberto Melo, os meus votos de melhoras e de muita paz e confiança, neste percurso de provação. Forte abraço para si e todos os ASES, com votos de felizes e santas Festas Pascais. Em Cristo Ressuscitado.

[Registamos com prazer o seu comentário: também nós estamos ansiosos que voltem os tempos dos nossos encontros alegres e saudáveis. Já começamos a ter saudades.](#)

José Cândido Gomes Ferraz G54
Parabéns a toda a direção dos ASES pelo boletim nº 200, que está muito bem concebido e com artigos de interesse, sendo de realçar as notícias dos diversos Ases na Correspondência.

Estão de parabéns também todos aqueles que conseguiram manter o boletim de pé ao longo dos 200 números, o que deve equivaler a cerca de 50 anos, no pressuposto de que tenham sido editados 4 boletins por ano. Como é sabido, o Alberto Melo está doente, e gravemente doente, pelo que devemos rezar por ele e pôr em prática aquilo que tantas vezes ele nos tem solicitado: colaboração nos boletins com o envio de artigos de interesse, da mais variada natureza. Por que não dar a conhecer episódios passados nos seminários, na guerra do Ultramar onde tantos de nós estiveram, nos nossos locais de trabalho, na nossa vivência do dia-a-dia? Certamente que o Melo ficará muito contente. Devemos-lhe isso pela enorme abnegação que dedicou e dedica ao boletim e à causa dos Ases. Eu vou procurar dar o exemplo, embora não seja o mais privilegiado na arte de bem contar e escrever.

Que a direção continue com o seu bom trabalho que vem desenvolvendo e que o Espírito Santo vos ajude a levar a bom porto a missão que assumistes. Um abraço de muita amizade.

[Obrigado pelo alento e pelo apelo aos ASES: vai-nos ser muito difícil continuar sem a colaboração do Melo. Imprescindível na escrita e na memória que apresentava. Ficamos à espera que te leiam e nos ajudem a continuar esta missão tão digna e especial.](#)

Francisco Santos Bártolo G52
UNIASES nº 200 - Lido logo de fio a pavio. Muito bom. Obrigado.

[Ora aqui vai um pedido: deve haver coisas lindas a contar desses lados de Paredes...](#)

José Manuel Dias Ferreira G60
Os meus cumprimentos com votos de melhoras. Esta nossa Associação precisa muito de um Presidente como o Alberto Melo. Muito obrigado pelo esforço e entrega à causa dos ASES.

Que Deus o abençoe e lhe restitua a saúde. Abraço fraterno na Paz, Amor e Graça de Jesus.

[Vamo-nos manter unidos na oração e dedicação à nossa União.](#)

Manuel Fernando Faria Souto V65
Agradeço o envio do Boletim. Está excelente. Parabéns.

Quando sair em papel pedia que me enviasses pelo menos 4 exemplares. Vou entregar 1 na Biblioteca da Póvoa e outro à diretora do Boletim Cultural (que vai ficar contentíssima pela n/ referência: tem 89 anos). E vou tentar fazer chegar o artigo do Azevedo Moreira ao Valter Hugo Mãe. Daqui a uma ou duas semanas já te confirmo. Então, Feliz Páscoa para ti e família. Abraço.

[O teu artigo 1920 - REPATRIAMENTO DE PESCADORES POVEIROS tornou o nosso UNIASES mais rico e “culto”. É bom que mantenha essa colaboração que todos \(especialmente os braguistas\) vão voltar a apreciar em O COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO E AS ORIGENS DO S.C. DE BRAGA. \(pág.10\).](#)

Jorge Domingos Dias Andrade V65
Muito obrigado. Recebi, oportunamente, o Boletim UNIASES nº 200 - Janeiro a Março de 2021, na sua edição em papel, o que muitíssimo agradeço. Só agora respondo por motivos pessoais diversos. Eu preferia que todas as edições mencionassem apenas a data/mês de saída dos Prelos, ou de fecho da redacção/edição/composição, no caso simplesmente Março de 2021 e a menção de trimestral para a periodicidade. Suscita-me sempre confusão a primeira datação, mera sucessão da saída do número anterior. É talvez a idade a exigir-me simplificação de calendário e cálculo. O importante é que hoje é o Aniversário do nascimento do PADRE JOAQUIM ALVES CORREIA, sepultado no Exílio Político de Pittsburgh, à espera de lugar no Panteão pátrio. O CEPAC todavia serve-lhe de mais e melhor ornado Panteão evocativo e orante manifesto. Os melhores cumprimentos. Saudações Espiritanas libertárias. 5 de Maio de 2021, S. Miguel da CARREIRA.

Vai-nos ser difícil alterar a indicação dos meses correspondentes ao trimestre: é também uma maneira de nos situarmos... Vamos também recordar o Pe. Alves Correia com o artigo do Pe. Veríssimo Teles que aparece na página 3 e 4.

António Camilo M. Guedes G64

Hoje fiz 1 transferência no valor 30 €, para a conta dos ASES referente ao Ano 2021; agendei já na conta bancária, uma transferência anual de 30 €, sempre, com início em 03 de Janeiro, até à data que DEUS nos autorizar andar por cá. Grato por tudo; peço desculpa de nunca ter feito qualquer doativo, pelo menos que eu me lembre para os ASES, mas vale mais tarde do que nunca.

Um Abraço, com votos de saúde para nós todos e que DEUS nos continue a ajudar na nossa caminhada.

[Já confirmámos e registámos: o nosso obrigado desde já pela decisão para os próximos anos: "enquanto o Senhor nos mantiver por cá"... Ficamos pedindo que nos livre desta praga...](#)

Mário Neiva Viana V71

Junto envio o comprovativo do meu modesto contributo para o boletim e para a União.

Esperemos que novos ventos soprem, para que logo possam ser retomados os encontros dos ASES.

Até lá, desejo-vos força para continuades a segurar com firmeza o leme da União, em tempos de travessia de mar revolto... A confiança é grande, porque os marinheiros são experimentados e valentes.

[Muito obrigado pela quota e pelo conforto das palavras. Como marinheiros experimentados, vamos procurar continuar a vencer as vagas, mas não dispensamos as ajudas dos "marujos"... Abraço.](#)

Pe. João Mónico S55

Obrigado pelo envio do UNIASES e parabéns pelo nº 200. Longa caminhada e história.

Vou arquivando cada um que chega e procurando que nenhum se perca!

Santa Páscoa para todos. Aleluia.

[Contentes por saber que o nosso UNIASES vai enriquecer a biblioteca...](#)

Pe. Eduardo Osório G54

Muito obrigado pelo envio do UNIASES.

Aproveito para vos desejar uma Páscoa muito feliz, porque Ele ressuscitou!

[Muito sensíveis pela fidelidade de leitura e obrigado pelos votos.](#)

Pe. José Lopes de Sousa V61

Obrigado! Uma Santa Páscoa para si e sua família. Um abraço.

[A família dos ASES agradece e retribui.](#)

Joaquim José Azevedo Moreira S55

Olá. Lê-se de um fôlego e, se não valesse por mais nada, o UNIASES seria sempre uma refrescante hora da saudade, penso mesmo que é assim que o lê a parte maior dos nossos colegas. Mas há sempre outros motivos de interesse, a vitalidade do Melo, a mestria do Anthero Monteiro, mesmo se tratando de graciosas toupeiras, a oportunidade do Faria Souto que me ensinou porque se chama Praça dos Poveiros a dita que há no Porto. E é um número redondo, carago, 200, uma longa e "atribulada" história. Que os deuses nos velem. Saúde.

[É verdade: chegamos ao 200... Pelo último Editorial do Melo foram mais de 60 anos... *Triplex funiculus difficile rumpitur* tem garantido esta União. E muito devemos também à tua apreciada colaboração, sempre a horas e sem falhas. E enquanto tivermos "árvores" do outro século, estaremos sempre de pé.](#)

Armando José Ferreira Mourão G71

Reparei que estão a enviar-me em duplicado o UNIASES.

Deverá ser mantido o que vem com a morada Av. Dr Abílio Ribeiro nº 4 – 5450-036 Vila Pouca de Aguiar Que-

rendo, poderão substituir o envio em papel por pdf ou link de consulta.

Aproveito a oportunidade para vos saudar pelo trabalho que têm desenvolvido. Um bem-haja.

Com os melhores cumprimentos,
[Muito obrigado por nos assinalares esta duplicação: também temos que poupar. Passarás a receber a edição digital.](#)

Fernando Manuel Monteiro Barros G71

[Depois de solicitar entrada na UNIASES do facebook:](#)

Já comecei a receber o boletim, o que me deixou feliz. Até agora, o único contacto que tinha, era com o Luiz Gonzaga, meu conterrâneo, e com o Varandas, que me descobriu pelo facebook. É muito bom saber notícias daqueles que foram nossos colegas quando éramos jovens. Mais ainda, quando nos traz recordações daquele lugar: o nosso querido seminário de Godim. Ainda hoje guardo o meu terço, que gostava de rezar na gruta de Nossa Senhora, que tinha um pequeno lago e ficava ao lado do campo de futebol da turma C. Enfim, como dizia o nosso diretor de então, o Sr. Padre Adélio: ter amigos é bom; vê-los partir faz sofrer. Abraços.

[Demos graças por estes meios que nos permitem voltar a abraçar um passado que nos deixou marcas e, agora, traz saudades... Como falas do LUIS GONZAGA GUEDES CORREIA SILVA \(Godim72\): - Alguém me disse há tempos que estaria no Luxemburgo e que teria "habilidades" para escrever uns artigos para o nosso jornal...](#)

- Actualmente o UNIASES vai para 3240-130 ANSIÃO. Será que tens o email dele? e outros contactos?

O único contacto que tenho com o Luís Gonzaga, é o do facebook. Outro contacto, só se for por mensagem. Abraço. [Também nós lhe enviamos mensagem pelo facebook, mas não obtivemos qualquer resposta. Aguardemos a sorte de nos ler...](#)

facebook

[Pede adesão ao nosso grupo](#)

UNIASES - União dos Antigos Alunos do Espírito

Informando: nome completo, ano de entrada e e-mail.

BOLETIM UNIASES VIA INTERNET

Enviar e-mail para:

uniases@sapo.pt
cunhapintobraga@sapo.pt

RELATÓRIO CONTAS

ASES 2020

RECEITAS		9.335,00 €	SALDO DO ANO 2019		9.315,24 €
QUOTAS-BOLETIM-LIVROS		7.185,00 €	Quotas		8.045,24 €
BOLSAS		1.000,00 €	Bolsas		250,00 €
ABRAÇAR SÃO TOMÉ		200,00 €	Fundo Solidariedade		1.020,00 €
CEPAC		950,00 €	CEPAC		0,00 €
DESPESAS		-7.304,08 €	NOVO SALDO PARA 2021		11.346,16 €
BOLETINS			Quotas		10.326,16 €
Impressão 197-198-199		-3.169,82 €	Bolsas		0,00 €
Expedição 197-198-199		-1.760,96 €	Fundo de Solidariedade		1.020,00 €
BOLSAS Entregues em 2020		-1.000,00 €	Cepac		0,00 €
DONATIVOS - CEPAC entregues em 2020		-950,00 €	EDITORA MAAES CROWDFUNDING		
ABRAÇAR SÃO TOMÉ		-200,00 €	SALDO de 2019		2.906,87 €
DIVERSOS		-223,30 €	6 Joaquim José Azevedo Moreira		700,00 €
			Distribuição LIVROS		0,00 €
RESULTADO DO EXERCÍCIO		2.030,92 €	SALDO MAAES em 31-12-2020		3.606,87 €
			SALDO CGD-BARCELINHOS em 31-12-2020		14.953,03 €

A Direcção
Braga, 31 de Dezembro de 2020

TESOURARIA

ABRIL / JUNHO 2021

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE	N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
8	Abel Pereira Correia	QUOTAS	40,00 €	?	Maria Ilidia Campos L	QUOTAS	100,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	QUOTAS	75,00 €	3036	Nelson Gomes Araújo	QUOTAS	20,00 €
1978	Alcino Manuel Pereira Couto	QUOTAS	100,00 €	1825	Ricardo Jorge Paiva Macedo	QUOTAS	50,00 €
233	António Camilo Marinheira Guedes	QUOTAS	30,00 €	TOTAL			1.070,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	QUOTAS	50,00 €	DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"			
303	António Joaquim Martins Paiva	CEPAC-	50,00 €	Distribuídos até 30-06-2021	404	8.080,00 €	
311	António José Almeida Gonçalves	QUOTAS	150,00 €	Ofertas	52	0,00 €	
429	António Torres Vieira	QUOTAS	50,00 €	Para distribuição	64		
431	António Vieira Parente Viúva Isabel	QUOTAS	40,00 €	EDITORA MAAES CROWDFUNDING			
555	Carlos Alves Seixas	QUOTAS	50,00 €	CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 (EXTRATO 20)			
1963	Feliciano Silva	QUOTAS	30,00 €	Saldo anterior (Uniases 200)		3.706,87 €	
821	Francisco Sousa Cunha	QUOTAS	75,00 €	4 Joaquim A. Ferraz Lopes Silva (no nº 200)		150,00 €	
849	Helio Sousa Martins	QUOTAS	20,00 €	SALDO MAAES na conta ASES		3.856,87 €	
3185	João Fernando Ribeiro Silva	QUOTAS	20,00 €				
1040	Joaquim Mendes	QUOTAS	50,00 €				
2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	QUOTAS	20,00 €				
2445	Manuel Joaquim B. Fonseca Pinto	QUOTAS	50,00 €				

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5

Não esquecer: Indicar no Descritivo: Nome completo ou nº de Ás

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

Nº 2008 038874 930

O COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO E AS ORIGENS DO S. C. DE BRAGA

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DO S. C. DE BRAGA

Manuel F. Faria Souto
Viana 1965



Escrevo este artigo para corresponder à oportuna sugestão do Melo, e logo caio, de certa forma, na memória das suas qualidades de hábil desportista, em especial no futebol, com atuações de elevado nível técnico, a exibir segurança e mestria de organizador de jogo, galvanizando, como sói dizer-se, a equi-

pa da seleção do Pavilhão Norte, para as inúmeras vitórias, no ano letivo de 1969/70. E foi até programada uma saída ao Campo de Paredes de Coura, onde o empate a uma bola não foi um mau resultado, tendo em conta as peripécias da arbitragem.

O Sporting de Braga comemorou oficialmente em 2021 o seu centenário. A data da sua fundação continua a ser uma questão não totalmente resolvida, na medida em que subsistem dúvidas sobre quando o clube foi efetivamente criado. Para os interessados no esclarecimento deste assunto recomendo o “Livro do Centenário – A história do Sporting Clube de Braga”, recentemente editado, e o artigo “A fundação do Sporting Clube de Braga” incluído na revista “Bracara Augusta” Vol. LXVIII nºs 126-127, publicada em maio do corrente ano.

Este artigo aborda a questão da fundação do S. C. Braga, trazendo para a discussão novos dados e documentos que permitem afirmar que o clube foi fundado em 20 de março de 1919 e constituído em 19 de fevereiro de 1921, considerando deste modo que fundação e constituição, embora conceitos distintos, não são antagónicos, antes complementares.

É certo também que tendo por base notícias no “Echos do Minho” e “Jornal de Notícias” se aponte o ano de 1914, como ano da criação de um clube com a mesma designação. No entanto, os autores do artigo, atrás referido, concluem não ser possível estabelecer a ligação entre os clubes de 1914 e de 1919/21, apesar da coincidência dos nomes.

No suplemento “Cultura” do Diário do Minho de 17 de outubro de 2018, José António Barreto Nunes num artigo com o título “Os primeiros jornais desportivos de Braga - Norte

Desportivo de 1916 /- Minho Desportivo de 1922” afirma que no nº 2 daquele jornal consta um artigo sobre a necessidade de um campo desportivo para Braga, historiando os já conhecidos, da Mitra (junto à capela de S. João da Ponte), do Campo da Vinha (em frente ao Pópulo e Regimento de Infantaria 8), do Colégio Espírito Santo (atual Escola Secundária Sá de Miranda) e o das Goladas (no local onde hoje está o Pavilhão do Hóquei Clube de Braga), que tinha sido arrendado conjuntamente pelos diversos clubes de Braga, em 1915.

Esta notícia comprova a utilização do campo do Colégio para prática do futebol, como a fotografia de 1914 ilustra, num jogo entre alunos do liceu de Braga e do Colégio de Ermesinde.

É geralmente aceite que os primeiros pontapés na bola se realizaram na cerca do antigo Colégio do Espírito Santo e o primeiro jogo do Sporting de Braga, em 1920, foi aí disputado, frente ao Algés e Dafundo.

Recentemente, e a propósito da sua filiação clubística, o Presidente da República afirmou ser braguista, por oposição aos bracarenses que têm o S. C. de Braga e outro clube. Com base neste critério, compreendo que fossem muitos os bracarenses e poucos os braguistas, no meu tempo do Fraião.

Lembrar a passagem pelo Fraião é lembrar também as tardes de domingo e a assistência aos jogos de futebol, no Estádio 28 de Maio. Isso mesmo nos dá conta, em entrevista ao Diário do Minho, de 9 de Junho, o escritor João de Melo, que frequentou o Fraião no ano letivo de 1966/67, a pedido dos dominicanos, onde era aluno, insinuando como o menos mau dessa sua experiência.

O estádio foi inaugurado a 28 de maio de 1950, aquando das celebrações do 24.º aniversário da revolução do Estado Novo. Uma obra do arquiteto João Simões e do engenheiro Manuel Travassos Valdez. Com a revolução do 25 de Abril de 1974 ocorreu mudança do nome deste equipamento público, para Estádio 1.º de Maio e que devido à construção do novo estádio municipal de Braga entrou num processo de inevitável degradação e sem condições propícias para a prática de atividades desportivas.

O estádio situa-se no encontro do Parque S. João da Ponte com a encosta do Picoto. O facto deste espaço estar arquetizado na encosta do monte do Picoto viabilizou, de forma natural, a emergência do “3.º Anel”. Uma zona no exterior, a sul do estádio, e cuja topografia acentuada permitia a todos nós, ver dali os ídolos admiráveis desses tempos e acompanhar os jogos dos nossos clubes de eleição, vibrando com os seus êxitos e sofrendo com as suas derrotas.

Finalmente, e em ano de centenário, endereçamos os Parabéns ao S. C. Braga! Obrigado por ter facultado o acesso ao singular e inesquecível “3º anel”.



CANTINHO DA POESIA

O MOSTRENGO

(NB: sem o talento do poeta...)

Um mostrengo que mora lá no meridiano
aí despejado pelo malabarista, de sua mão,
por noites e noites, infectado de sarna e postema
em roda do monumento vomitou, vomitou, vomitou
e no pastel ali "defecado", se espolinhando
ergueu a voz grossa, intimidatória e disse:
- Aqui neste quinteiro sou mais do que eu
sou o apóstolo da tribo que veio p'ra concertar
um reino bafiento e um povo que blasfema
estulto ousado, analfabeto, que isto ergueu
em memória do que nunca aconteceu.
Uma coruja que por ali sempre poisava
ao ouvir a blasfêmia do mostrengo tão "lustrado",
ao ver o energúmeno apóstolo da tribo
tão sujamente equipado
que as pedras e a memória maltratava,
lá do cimo daquela cruz, um pio sibilino soltou,
que por todo reino e vizinhanças retumbou:
- Louvados, as armas e os varões esforçados
neste reino que criaram, aqui assinalados.
O sujo mostrengo, apóstolo "do sol da terra"
contraditado pela ave da noite, que não vira,
contorceu-se. Espumando e lambendo-se
em torno da nau em "pedrestal" rodou vezes
e na sua crassa ilustração inda mais furibundo
por mais três vezes rodou grosso, imundo, rosnando:
- Quem vem aqui dizer o que só eu posso
neste cercado reservado a gado nosso?
Famosa ave?
- Maldita, que dos "ratos da noite" te alimentas!
E, cousa estranha ante o vomitado insulto
esfíngicas pedras que rostos e feitos memoravam,
ganharam vida, ganharam fala e lhe disseram.
- Aqui, somos mais que tu e o teu cercado,
somos um Povo que deu Novos Mundos ao Mundo,
somos a Terra e a Grei d'El-Rei D. João II.

Aurélio Oliveira - Viana 1956

Crónica da Vila e do Reino-Março 2021

ILHA PERDIDA

Uma ilha
Uma pinta esbranquiçada,
Sem nome nem referência,
Perdida na líquida vastidão sem fim.
Os geógrafos não a conhecem,
Os marinheiros passam-lhe ao largo
E os peixes fogem do seu confim.
Só a vaga mais alterosa
A beija ou chicoteia,
Mas sempre alheia, indiferente,

Em marés de maré cheia.
Infeliz, quisera ir ao fundo:
A sua segura afogar,
O seu corpo, a sua areia,
Definitivamente enterrar,
Despedir-se deste mundo!
Eis que, de súbito, contudo,
Sem que o previsse ninguém,

António Luís Pinto da Costa - Godim 56

Uma ave desconhecida
Passa por cima a voar,
Riscando o firmamento,
Além, bem além,
Núncia segura de vida.
Se não a engana o olhar
Nem a ilude o coração,
Suas asas dizem adeus
A alguém.
Sim, mas a quem?
Se essa tal ilha sou eu,
Será mesmo para mim?
Oh, diz-me - te peço -, ó céu:
Premonição?!
Parecer parece que sim!
Ou será doce miragem
De olhos cegos, alucinados,
Pura, pura imaginação?!

O TEMPO NO TEMPO

Corremos atrás do tempo
Numa correria infernal,
Mas por mais que se corra,
Ninguém o consegue apanhar.
Vem o dia e vem a noite
E o tempo sempre a correr.
Corre mais rápido que o vento,
Ninguém sabe quando começou
Nem quando irá terminar.
Olho para o relógio,
Para o dia e para a noite

Para a lua e para o sol
E andamos sempre a correr
Porque o tempo está a terminar.
Porque vemos o tempo passar
A toda a hora e momento,
Será que o relógio e o tempo
Disso têm conhecimento?
Quando o relógio e o tempo souberem
Do seu próprio tempo que passa
Nunca o virão a saber
Porque já o tempo passou.

Albérico Meireles - Godim 45 (Águeda, 05/2020)

NOTÍCIAS TRISTES...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

Ás 431 - António Vieira Parente

Natural de Serreleis (Viana do Castelo) faleceu no Hospital de S. Francisco Xavier, em 2 de abril de 2021, após queda com traumatismo craniano, seguida de pneumonia. Do curso de Godim 1951.

Ás 1497 - Manuel Baltazar Vaz

Nasceu em 12 de novembro 1943 em Alfaiates (Sabugal) e fale-

ceu em Corroios, em 27 de janeiro 2021. Informação do Ás Amílcar Fernandes. Do curso da Silva 1955.

Ás José Carlos da Costa Torres

Nasceu em 16 de dezembro de 1967 e faleceu em França a 08 de maio 2021. Foi a sepultar em Aguçadoura- Póvoa de Varzim. Informação do Ás Valentim da Costa. Do curso de Viana 1979/1980.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE

CLARICE LISPECTOR – A ILHA E O MUNDO

Por Joaquim Moreira S55



Todo o homem é uma ilha, nenhum homem é uma ilha, uma coisa ou outra ou ambas ao mesmo tempo, já não me lembro bem como nos passava em conferência o padre Sanches, aquelas conferências arrasadoras de profundidade, e de luminosidade, e de verdade. Neste caso o nosso intocável reitor citava autor famoso, poeta talvez, talvez Tagore, Rabindranath Tagore, talvez outro chegado das insondáveis, irresistíveis, avassaladoras plagas do oriente de que tanto gostava, dizia-se que praticava ioga. Ser ou não ser ilha impôs-se-me desde então como metáfora chave para as circunstâncias da vida.

Clarice Lispector, com centenário a correr, é muito mais que uma moda, é uma grande escritora de língua portuguesa, filha de judeus ucranianos, refugiada no Brasil ainda com meses de idade, 1920, há quem escreva 1922, tempo das mais cruéis formas de perseguição aos judeus. Infância no nordeste brasileiro, Rio de Janeiro aos quinze anos, cidade maravilhosa para sempre, descontando década e meia em que aceitou circular pelo mundo casada com um diplomata colega de estudos de quem traria para o Rio os dois filhos que teve, “solteira” desde então para o resto da vida. No Rio morreria aos 57 anos de idade menos um dia. No Rio escreveria a maior parte da sua vasta e original obra. Perto do Coração Selvagem foi o seu primeiro livro escrito aos vinte e dois anos e que agitou o mundo literário. Viria depois uma mão cheia de romances que

a transformaram numa escritora de culto. A fama veio logo de seguida, muito reforçada quando começou a escrever crónicas semanais para o Jornal do Brasil, 1967 a 1973, a fama e o proveito. Essas crónicas foram todas publicadas alguns anos depois da sua morte, sob o nome A Descoberta do Mundo. Que leio agora.

É nessa descoberta do mundo que vamos encontrar a ilha, Clarice ela própria que como tal se abre ao público, quase escancaradamente. Por aí entramos numa tentativa de retrato da grande escritora. Clarice compreendeu a sua condição de mulher e mulher muito bonita. Nem se sente mal com a admiração popular, mas saboreia e destila antes de mais a amargura doce de se saber quem é como ser humano, as suas próprias limitações, o drama dos seus sofrimentos e anseios. Daí o mistério que a envolve, como pessoa e como inconfundível escritora, “sou um mistério para mim”, mulher misteriosa, laivos de uma superioridade envolta em ambiguidades, “esquisita”, na análise despreconceituosa de uma das suas empregadas, reparos ou críticas a que está naturalmente exposta. “Os maiores defeitos não conto porque eu mesma me ofendo”. E lamenta “a (sua) grande fome de tudo, de onde decorre uma impaciência insuportável que também me prejudica”, bendita fome, diríamos nós, abençoada impaciência. E no entanto Clarice se apresenta também normalíssima e quase banal nas pequenas grandes coisas do dia a dia, aberta sempre ao público para quem escreve, ‘esquisitíssima’ porém na maneira como se auto analisa, rigorosa, interrogativa, sofista, “o sofisma como forma de raciocínio sempre me atraiu um pouco”, duvidosa, angustiada, por vezes perdida, tímida apenas fora da hora de escrever, sen-

tindo-se então progressivamente transportada a um estado de despojamento e ausência do mundo, e da morte, morte que não entende mas de que não tem medo, “Meu Deus, como o amor impede a morte! Não sei o que estou querendo dizer com isso: confio na minha incompreensão...”. Mas a querer viver a vida até à última gota.

E que bom que era morar em frente ao mar, poder vê-lo a cada hora da janela, sair se apetecia molhar os pés, dar um mergulho ou simplesmente olhar, olhar as águas longamente e semear nelas toda a inquietação e toda a felicidade. Que bom que era ter o mundo a seus pés, ali na cidade maravilhosa, o Rio, receber amigos, escritores, artistas, músicos, falar de amor, privar com o jovem e debutante Chico Buarque de Holanda o de olhos azuis e uma timidez fascinante. E no entanto como lhe devem ter custado os últimos anos, o incêndio que o próprio cigarro ateou e, ironia do mundo, a desfeiou nas mãos e na cara, a doença psíquica de um dos dois filhos que eram a sua razão última de viver, finalmente a doença que não perdoa e a levou aos 57 anos menos um dia, ilha sempre no bom e no mau sentido da metáfora, inconfundível, linda e só, “inacessível”, independente, rebelde à sua maneira, viva e única diante do mundo e constantemente a tentar descobri-lo, condenados que estamos ao drama em que não raro se transforma este viver terreno, a menos que um golpe de asa não calhe de nos libertar.

UM SOPRO DE VIDA, livro póstumo, daria bem a ideia do que foram as obsessões da Autora, o seu tremendo drama de identidade, a existência, o destino, a morte. Mas a vida continua. Por alguma razão o livro tem por capa a foto mais bonita duma mulher que foi muito mais que misteriosa e bonita, a eterna Clarice.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A.CARVALHEIRA-UNIASES
APARTADO 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

UNIASES@SAPO.PT

PRESIDENTE:

969 690 551 / 214 445 827
ALBERTO.R.MELO@NETCABO.PT

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
CUNHAPINTOBRAGA@SAPO.PT

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal... No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____